



# A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun

A partir da obra de Hans Christian Andersen

## Personagens

(Por ordem de entrada)

MARIA:

Escritor

VIZINHA:

SOLDADO: de chumbo

Avó

Bailarina

Pai

Homem rico

Mulher rica

Menino rico

## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun  
A partir da obra de Hans Christian Andersen

Abertura. No palco escuro, Maria acende uma vela e em seguida caminha, pé ante pé.

MARIA:

De que são feitos os sonhos?  
Os meus são feitos de açúcar,  
E os seus, são feitos de que?  
As vezes eu sonho acordada,  
E sonho enquanto caminho.  
E você?  
Já caminhou dentro de um sonho?  
Gosta de açúcar?  
(baixo) Vou te contar um segredo...  
Se quiser sonhar comigo  
Tem que andar bem devagar,  
Pro sonho não acordar...

Ela sopra a vela. Black out rápido, a luz volta e vemos o escritor num canto, que escreve usando uma pena. Ouvimos o barulho suave da pena que corre no caderno. Maria se aproxima, estica o olho por cima do papel. Ele tenta esconder, até que ela pergunta:

MARIA: (curiosa) Posso saber o que tanto escreve?

ESCRITOR: Escrevo uma história...

MARIA: Posso ver?

ESCRITOR: (faz que não) Ainda não sei o final. O final é sempre um problema...

MARIA: Mas se ainda não acabou, ainda não tem o final...

ESCRITOR: (refletindo) Pode ser... E você, quem é?

MARIA: Eu estava num sonho, quando lhe vi. Sonhei com uma caixa de fósforos.

ESCRITOR: Uma caixa de fósforos?

MARIA: Estava aqui, na minha mão, mas quando abri os olhos, sumiu...

Ele se levanta.

MARIA: Senhor... Onde vai?

ESCRITOR: Preciso de concentração para escrever...você fala demais.

Ele vai saindo.

## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun  
A partir da obra de Hans Christian Andersen

MARIA: Senhor, se por acaso encontrar minha caixa de fósforos, pode me devolver? Se eu encontrar um bom final para sua história eu...mando uma carta.

Ele dá um meio sorriso e sai, resmungando.

ESCRITOR: Um final, numa carta? Onde já se viu? Só se fosse num sonho...

Black out

### Cena 1

Uma casa muito pobre, quase sem cor. Apenas alguns elementos que representam a pobreza do lar. Uma chaleira velha, alguns pratos, uma vassoura.

MARIA: termina de comer uma sopa, raspa o prato, ainda com fome, até que desiste e o deixa de lado. A VIZINHA: aparece.

MARIA: Bom dia...

VIZINHA: Não há nada de bom nesse dia. Parece que vai nevar, e muito! Você não tem outro casaco?

MARIA: Não, mas um dia vou ter...

VIZINHA: E seu pai, onde está?

MARIA: Foi cortar lenha.

VIZINHA: Pra que? A lenha está toda molhada. Perda de tempo. Você já comeu?

MARIA: Uma sopa, ralinha, mas estava quente.

VIZINHA: (pra si) Nem alimenta direito a menina... E o Natal? Como vai ser? Vocês vão ter uma festa?

MARIA: Acho que não...Meu pai disse que vamos pular esse ano. No ano que vem, quem sabe?

VIZINHA: Ele disse isso? (recrimina) No ano que vem...E a escola?

MARIA: Ele disse que os livros estão muito caros, mas eu já sei escrever. Quer que eu lhe mostre?

VIZINHA: Outra hora, estou muito ocupada. Só vim checar, se estava tudo bem. Não tem lareira na sua casa?

MARIA: Tem, mas falta lenha...Por acaso a senhora encontrou uma caixa de fósforos?

## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun  
A partir da obra de Hans Christian Andersen

VIZINHA: Crianças não devem brincar com fogo...

MARIA: Se eu vender os fósforos, posso trazer lenha.

VIZINHA: Molhada. Já disse que a lenha está molhada.

MARIA: A senhora não tem nada de bom pra me dizer? Alguma coisa mais alegre? Pode me cantar uma canção?

VIZINHA: Se eu cantar, sua casa cai... Minha voz é horrível! Tenha um bom dia, menina. E não fale com estranhos. A gente nunca sabe...

Ela sai deixando a menina sozinha.

### **Cena 2**

Penumbra. Ouvimos a voz do soldadinho de chumbo, como se ele estivesse num lugar com muito eco. Sua voz reverbera no palco.

SOLDADO:: SOLDADO:, ado ado, ado! De chumbo, umbo umbo...Tem alguém aí? Aí aí? (tempo) Será que eu me perdi? Perdi? Perdi?

O SOLDADO: entra em cena, pulando numa perna só.

SOLDADO:: Eu sempre fico para trás. Também, com uma perna só...(bate na perna) E ela está tão cansada....

MARIA: aparece carregando um balde.

MARIA: Oi, bom dia...(se arrepende)

SOLDADO:: Não vejo nada de bom nesse dia...

MARIA: Retiro o que disse...Não devia falar com estranhos...

SOLDADO:: Não seja por isso, (estende a mão) SOLDADO:-de-chumbo-de uma-perna-só. E você?

MARIA: Maria.

SOLDADO:: Então, Maria, você pode me dizer onde estamos?

MARIA: Perto da minha casa.

SOLDADO:: Por acaso, viu meu batalhão passar por aqui?

## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun  
A partir da obra de Hans Christian Andersen

MARIA: Infelizmente não. Fui buscar água no poço, mas a água congelou. O que é exatamente um batalhão?

SOLDADO: São vários, como eu, marchando juntos. Só que eles tem duas pernas. Eu sou o único assim...

MARIA: Eu gosto, é diferente.

SOLDADO: Falar é fácil, mas experimenta ficar o dia inteiro marchando numa perna só.

MARIA: É verdade. E como foi que você perdeu essa perna?

SOLDADO: Falta de sorte. Faltou chumbo, bem na minha vez.

MARIA: Ainda bem que não faltou chumbo para a cabeça.

SOLDADO: Nunca tinha pensado nisso. Melhor a cabeça, com certeza. A conversa está muito boa, mas eu preciso ir. Tem uma moça me esperando.

MARIA: Uma moça?

SOLDADO: A moça mais linda do mundo. Uma bailarina.

MARIA: Você já viu ela dançar?

SOLDADO: Ainda não, mas vou ver... em breve. Eu só vi a bailarina uma vez, na estante, onde eu morava. Foi amor a primeira vista.

MARIA: Jura? Que lindo? Pensei que isso só acontecesse nos livros...

SOLDADO: Eu também. Antes de conhecer a bailarina, eu nem sabia o que era amor. Nem a primeira vista, nem a segunda vista, terceira vista...mas aprendi rapidinho. (sonhador) Amor a primeira vista...

MARIA: E onde ela está agora?

SOLDADO: Já disse, na estante. É pra lá que eu quero voltar.

MARIA: Se eu pudesse ajudar...

SOLDADO: Já ajudou. Eu não tinha com quem conversar...

MARIA: Eu também não. Se você quiser ficar por aqui...

SOLDADO: Não posso, a bailarina me espera. Vou te contar um segredo: (sussurra). Eu acho que ela também não tem uma perna. Por isso ela é tão linda pra mim... Eu a vi assim...

## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun  
A partir da obra de Hans Christian Andersen

Ele imita a bailarina, com os braços levantados, a perna pra trás, dá a impressão de que também não tem uma perna. Em off, ouvimos o comando do batalhão, também com eco.

COMANDANTE: (off) Soldados, ados ados...Do primeiro batalhão, ão, ão, ao...Seguir pela direita.

MARIA: É por ali.

SOLDADO: (apressado) Por ali? Tem certeza? Preciso correr... (vai saindo) Obrigada, Maria, talvez outro dia....

MARIA: Boa sorte! Lembranças para a bailarina.

Maria fica sozinha, pega o balde, tenta “bater” no gelo.

MARIA: Nem água pra sopa nós temos. Não sei o que fazer. Daqui a pouco vai escurecer, e eu não preparei nada para o jantar. O inverno é lindo, mas é também muito cruel... Se ao menos eu tivesse um bom casaco pra me aquecer. E as paredes lá de casa são tão finas, finas como cortinas, ou a saia da bailarina...

Enquanto ela fala as últimas palavras uma cortina de tecido muito leve se fecha sobre ela. Maria: se encolhe, adormece e sonha.

### Cena 3

Uma senhora se aproxima, trazendo um saco de mantimentos.

AVÓ: Maria, sou eu...cheguei. Já me sinto bem melhor. Acordei tão bem-disposta que sou capaz até de dar cambalhotas, ou quem sabe nadar no rio.

MARIA: vai despertando, fala com a avó ainda sonolenta, por trás das cortinas.

MARIA: Mergulhar no rio gelado, vovó? Tem certeza que a senhora está bem?

AVÓ: Porque não? Água gelada faz muito bem pra saúde. Maria, quer que eu te ensine a escrever? Primeiro vem as vogais, bem redondas, pra não confundir.

A avó desenha as letras no ar.

AVÓ: A, e, i, o, u. Se você aprender a escrever, logo você poderá ler, e aí, você vai poder voar.

Maria se levanta, curiosa.

MARIA: Voar, eu? Jura vovó?

AVÓ: Voar, sim, mas no sentido literário, entendeu?

## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun  
A partir da obra de Hans Christian Andersen

MARIA: - Mais ou menos. Esse tal de literário, ele tem asas?

AVÓ: Sim, e não...Depende do ponto de vista... Tem fome?

MARIA: Muita!

A avó separa as compras.

AVÓ: Sempre! Crianças vivem com fome e nunca querem dormir. Trouxe batatas para o jantar, um pouco de vinho para o seu pai, e também uns pedacinhos de carne, tão pequeninos que quase não dá pra ver...Mas é melhor do que sopa de pedra, não é?

MARIA: Vovó, se eu tomar sopa de pedra com colher, a colher vai quebrar?

AVÓ: (rindo) Não me faça perguntas difíceis.

MARIA: se aproxima da avó.

MARIA: Vovó, promete que você nunca vai me deixar?

AVÓ: Eu gostaria, mas não posso prometer...

MARIA: Por favor, vovó. Pode ficar com as minhas batatas... Posso tomar sopa de pedra todos os dias...Mas promete, que você nunca vai me deixar?

Avó a abraça.

AVÓ - Eu te prometo que se eu não estiver aqui, eu vou estar lá. (ela aponta para o céu) Combinado?

MARIA: Combinado.

AVÓ: Quer me ajudar? (procura, não acha) Eu vou buscar os fósforos. Sem fósforos não tem como cozinhar...

Ela sai, escurece, a menina volta para seu sonho até que o palco escurece.

### Cena 4

Escritor escreve no canto da cena, como na primeira cena, mas agora quem vai entrar é a bailarina. Ela entra embalada por uma música que se transforma, de acordo com as palavras do autor. A bailarina tem que se adaptar aos ritmos rapidamente.

ESCRITOR: E a bailarina, tão bela, dançava para a lua solitária. Seus passos eram suaves, e seus dedos, tão leves quase alcançavam o céu...

## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun  
A partir da obra de Hans Christian Andersen

A bailarina se estica toda para alcançar o céu.

ESCRITOR: De repente, ela se deu conta de que estava perdida... (bailarina reage, perdida) numa floresta sinistra... (bailarina reage, assustada) Não, não era sinistra, era apenas escura...

A bailarina respira aliviada e segue dançando, o escritor reflete alguns segundos até que volta a escrever.

ESCRITOR: Leve como uma borboleta...seguia sem rumo certo, levada pelo vento. Depois de algum tempo flanando (bailarina não entende o que é flanando) ela começou a sentir sua sapatilha apertar.

BAILARINA: (reagindo) Isso não!

ESCRITOR: E ela parou para descansar, e sentou-se suavemente no chão...

Ela se senta estabandamente no chão.

ESCRITOR: (sem olhar para ela) Eu disse, s-u-a-v-e-m-e-n-t-e.

BAILARINA: Disse porque não é o senhor que está dançando há duas horas. Sem parar para beber nem um copo d'água.

ESCRITOR: (pra si) Sinto que tem alguém reclamando...à toa.

Ele se levanta, leva o caderno com ele.

BAILARINA: Senhor, onde vai?

ESCRITOR: Procurar um lugar tranquilo para escrever.

BAILARINA: E a minha história?

ESCRITOR: Não queria descansar? Depois eu continuo.

Ele sai, falando sozinho, reclamando dos personagens.

BAILARINA: (pra si) Que sujeito mal humorado, me deixou falando sozinha. E agora está esfriando. Preciso voltar, antes que escureça.

Maria entra.

MARIA: Se você está procurando a estrada para a cidade, é por ali.

BAILARINA: Você lê pensamento?



## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun  
A partir da obra de Hans Christian Andersen

MARIA: Quem dera. É que você me pareceu perdida...

BAILARINA: (se ajeitando) Estou muito desarrumada?

MARIA: Não, você está linda...

BAILARINA: Obrigada. É que na estante em que vivo, os brinquedos têm que estar perfeitos, polidos, e sem rachaduras, senão vão todos para o lixo.

MARIA: Jura?

BAILARINA: Gente muito rica, não gostam de defeitos.

MARIA: (sonhadora) Brinquedos no lixo? Adoraria encontrar esse lixo.

BAILARINA: Por quê?

MARIA: Eu não tenho brinquedos. Tinha só uma boneca, que minha avó me deu, mas ela se desfez, de tanto que eu dou banho nela.

BAILARINA: pelo menos, morreu limpinha...

MARIA: (rindo) É verdade. No começo eu senti muita falta da minha boneca, mas depois me acostumei.

BAILARINA: Compre outra!

MARIA: Comprar, eu? Pra comprar, tem que vender...E o que eu poderia vender?

BAILARINA: O seu sorriso. Você tem um sorriso lindo.

MARIA: Obrigada. Você disse que vive numa estante. Por acaso...você conhece um soldadinho de chumbo, assim, digamos especial?

BAILARINA: Conheço vários soldadinhos...Esse menino tem um exército inteiro de soldados. Tem também vinte tambores que me irritam, três cornetas, quatro garruchas, e um quebra-cabeças difícilimo de fazer, de mais de mil peças!

MARIA: Mil peças?

BAILARINA: Tem tudo, mas vive reclamando que não tem nada...

MARIA: Esse soldadinho, que eu conheci, ele é diferente dos outros...

BAILARINA: Ele é de ouro?

MARIA: Não, ele não tem uma perna, mas é o SOLDADO: mais elegante do mundo!

## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun  
A partir da obra de Hans Christian Andersen

BAILARINA: Um soldado elegante de uma perna só?

MARIA: Isso mesmo. Quantas bailarinas tem na sua estante?

BAILARINA: Só eu... Se fosse o quarto de uma menina teria mais. A verdade é que esse garoto nem liga pra mim. Devo ter sido um presente trocado.

MARIA: Não! Se você é a única, então você é muito especial. E o soldadinho... Nem sei se devo falar...

BAILARINA: Fala... O que é?

MARIA: Ele está apaixonado por você, a bailarina da estante! Pronto, falei.

BAILARINA: Nossa! Estou boba! Será que ele vai me pedir em casamento? Vai me dar um anel?

MARIA: Um anel eu não sei, mas eu tenho certeza que o coração dele já é seu...

BAILARINA: Que boa notícia nessa noite de frio. E eu que achei que não ia ganhar nada de natal, acabo de ganhar um coração. Melhor eu voltar correndo para a estante. Ele deve estar lá, me esperando...

MARIA: Vai logo! Você vai gostar muito dele...

BAILARINA: (saindo) Poxa, muito obrigada por me contar essa história, adeus menina.

MARIA: Meu nome é MARIA:.

BAILARINA: Eu não vou esquecer...

Ela sai.

### **Cena 5**

Em casa, o pai está diante do bule, tentando esquentar as mãos. Maria entra.

MARIA: Papai! Já de volta? Nem tive tempo de preparar a sopa.

PAI: O que você fez o dia inteiro? Garanto que não varreu a casa.

MARIA: Ontem eu varri....

PAI: Sua mãe varria todos os dias...

MARIA: Desculpe, papai, mas essa vassoura é muito pesada pra mim.

## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun  
A partir da obra de Hans Christian Andersen

PAI: Sempre com desculpas...E a lenha? Secou?

MARIA: Eu deveria ter trazido lenha também?

PAI: Pelo menos gravetos, já que a lenha é muito pesada pra você. Mas pelo visto, você só trouxe...desculpas.

MARIA: Desculpa, papai.

PAI: Desculpa não enche barriga.

MARIA: Eu sei, mas nós vamos dar um jeito, não?

PAI: Espero que sim, eu vou sair.

MARIA: De novo? Não queria ficar sozinha.

PAI: Cadê sua boneca?

MARIA: Desmanchou...Tomou muitos banhos.

PAI: Depois eu faço outra pra você.

MARIA: Obrigada, papai.

Ele tira uma caixa de fósforos do bolso, entrega para ela.

PAI: É a única coisa que tenho pra vender. Você pode conseguir um bom dinheiro por eles. (saindo) Eu volto mais tarde.

MARIA: Se eu vender tudo, será que podemos ter um Natal?

PAI: O Natal é uma data como outra qualquer. Melhor pular esse ano. Temos que apertar o cinto, o inverno mal começou.

Ela fica só, pega a boneca desmanchada e a segura com carinho.

MARIA: Coitada de você, tão fraquinha... (imita o pai) E o inverno mal começou. Mas se eu vender esses fósforos, garanto que nossa vida vai mudar. (sonhadora) Talvez eu tenha sorte e alguém muito rico compre tudo de uma vez. Ou então, troque a caixa por moedas de ouro.

Ela examina um dos fósforos com cuidado, como se fosse algo muito valioso.

## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun  
A partir da obra de Hans Christian Andersen

MARIA: Alguém que more num palácio de vinte e cinco quartos, todos forrados de veludo, com lareiras espalhadas por todos os cômodos. E na sala de jantar, onde toda a família se reúne, a mesa está sempre cheia de comidas deliciosas. E os empregados também comem dessa comida, porque lá, não falta nada. É lá que vive um menino que tem o quarto cheio de brinquedos e uma estante repleta de soldadinhos de chumbo. Se ele me convidar, posso encontrar o meu amigo soldadinho, e a bailarina também...E o Natal vai ser tão maravilhoso...

O pai volta repentinamente.

PAI: Você ainda não saiu? O que está esperando?

Ela se levanta, apressada.

MARIA: Eu já estava indo...O senhor vai ficar em casa?

PAI: Por enquanto. E não volte pra casa até vender esses fósforos. Entendeu?

MARIA: veste o casaco e sai.

### Cena 6

MARIA: caminha pela cidade. Flocos de neve começam a cair. MARIA: pega um deles, prova, brinca, mas sente frio. Fecha o casaco tentando se proteger. Um casal bem vestido, bem agasalhado atravessa em sua direção. Ela se anima, abre um sorriso.

MARIA: Acho que hoje é meu dia de sorte....

MULHER: Você disse: sorte?

MARIA: Sim, eu disse.

MARIDO: (sussurra) Cuidado, querida, não se aproxime demais.

Mulher sorri para o marido, confiante.

MULHER: (para o marido) Será que ela sabe...?

MARIDO: Bobagem...

MULHER: (Estendendo a mão) Eu gostaria que você lesse a minha sorte.

MULHER: Sabe ler mãos?

MARIA: Depende, a sua ou a minha?

## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun  
A partir da obra de Hans Christian Andersen

MULHER: A minha, é claro.

MARIA: A sua? Eu saberia, se a minha avó tivesse tido tempo de me ensinar... Mas infelizmente ela morreu.

MULHER: Coitadinha...

MARIA: Mas ela me ensinou a ler, querem ver?

MARIDO: Querida, vamos embora...

MULHER: Pena...Se você pudesse ler minha mão, eu poderia pagar.

MENINA: Com moedas de ouro? Adoraria...

MULHER: (estende a mão) Então, leia; o que vê no meu futuro?

MENINA: (examina a mão da mulher) Vejo uma mão delicada...e muitos risquinhos... (desiste) Não posso mentir. Não vejo nem uma palavra. Mas tenho lindos fósforos para vender, querem comprar?

A mulher retira a mão, decepcionada.

HOMEM: Fósforos? Quem é que precisa de fósforos?

Maria mostra a caixa.

MARIA: São lindos. Foram feitos um a um. E cada chama que se acende dá direito a um pedido. E se for desejado com muita vontade, poderá se realizar...

HOMEM: (indignado) Isso é conversa para boi dormir, minha querida. Vamos?

MULHER: (indecisa) Posso ao menos dar uma moeda para ela?

HOMEM: Mas é claro...que não!

Ele a puxa pelos braços, eles vão saindo. Menina ainda estica os braços com um fósforo nas mãos.

MARIA: Posso fazer uma demonstração!

HOMEM: Não obrigado. Vamos!

MULHER: (saindo) Boa sorte!

HOMEM: Não me fale em sorte! (baixo) Ainda bem que você não pagou.

MARIA: Até logo...

MULHER: (sem graça) Feliz Natal!

Maria fica só, com os fósforos.

MARIA: Podiam ao menos ter comprado um... Eu faria um bom preço por eles. Nem me perguntaram quanto custava... (triste) E se não aparecer ninguém? Não sei o que fazer, e não posso voltar para casa. Se minha avó estivesse aqui, ela teria um bom conselho pra me dar...

### Cena 7

Escritor escreve a próxima cena, enquanto narra. Do outro lado, vemos a menina, sendo embalada pela avó, numa cena do passado, onde as duas parecem felizes.

ESCRITOR: A verdade é que faltava tudo naquela casa, mas ainda assim, ela era feliz. Ninguém é totalmente pobre, nem infinitamente triste... Mesmo que exista muita tristeza no mundo, existiam momentos sublimes, de extrema felicidade.

MARIA: Vovó, o que é sublime?

AVÓ: Sublime? Ah... sublime é como um suspiro, feliz... entendeu?

MARIA: Entendi e não entendi, mas gostei...

As duas somem na penumbra, o escritor fica só.

ESCRITOR: Muitas vezes essa felicidade está nos detalhes, em pequenos gestos de carinho. Uma avó que canta pra neta dormir, (avó canta suave) uma flor que se abre, uma bailarina que dança sem se cansar, porque ganhou o coração de um soldado... (ele reflete por alguns instantes) Mas esses momentos, eles não duram para sempre... A vida é feita de sonhos, e nem sempre é fácil acordar...

Uma música suave, e a bailarina retorna, interrompendo-o.

ESCRITOR: Você outra vez?

BAILARINA: Senhor, desculpe lhe interromper novamente, mas é que...estou com muito medo do meu futuro...

ESCRITOR: O que tem, o seu futuro?

BAILARINA: Aí é que está... Eu nem sei o que vai acontecer, no meu futuro.

ESCRITOR: E precisa saber?

## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun  
A partir da obra de Hans Christian Andersen

BAILARINA: Mas é claro, que sim! Sou muito curiosa, estou ansiosa, e estou amando pela primeira vez!

ESCRITOR: Então, aproveite. Nem todos têm a sua sorte. Eu por exemplo, nunca encontrei um grande amor...

BAILARINA: Nunca? Coitado...

ESCRITOR: Não precisa ter pena de mim. Cada um tem o seu destino. Agora pode me deixar trabalhar?

BAILARINA: Sim, senhor, prometo não interromper novamente...

ESCRITOR: Acho bom.

Bailarina sai, mas retorna.

BAILARINA: Tenho uma última pergunta: e a menina? Maria, a menina dos fósforos? O que tem reservado para ela?

ESCRITOR: Ainda não sei. MARIA: tem um coração imenso, e nunca se queixa de sua sorte... mas eu também temo por ela. Agora que encontrou os fósforos... Não dá pra voltar atrás...

### Cena 8

Sombra chinesa de uma bela casa (detalhes da mobília e no fogo que arde na lareira, ou então, a maquete de uma casa) MARIA: espia a casa de fora, curiosa e tímida.

MARIA: Que casa maravilhosa! (ela inspira) Sinto o cheiro que vem das panelas no fogão. Um ensopado de carne com batatas douradas, ervilhas, cenoura e um toque de alecrim. Tem também um bolo assando no forno, com nozes, maçãs e canela. E caramelos quentinhos, perfumados com baunilha... Alguém acaba de abrir uma garrafa de vinho. Posso ouvir a rolha estourando no ar. (imita o barulho da rolha)

O menino entra sem que ela veja, e imita o barulho de abrir a rolha, surpreendendo a menina.

MENINO: Ora, ora...bisbilhotando os vizinhos?

MARIA: Eu só parei para descansar...

Ele a examina de alto a baixo.

MENINO: Você não tem outro casaco?

Ela faz que não.

## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun  
A partir da obra de Hans Christian Andersen

MARIA: Não, mas um dia eu vou ter.

MENINO: Nem botas como essas? Com elas o frio não me alcança. Posso até mergulhar meus pés na neve, que nada acontece.

MARIA: São lindas!

MENINO: Nem tanto. Já estão um pouco gastas. Em breve vou jogá-las no lixo.

MARIA: Não faça isso. São praticamente novas.

MENINO: Ninguém me diz o que fazer. Eu faço e pronto! (ele também espia a casa) Por acaso, você sabe quantos quartos tem naquela casa?

MARIA: Não tenho a menor idéia.

MENINO: Seria capaz de adivinhar?

Ela reflete uns segundos e responde.

MARIA: Vinte e cinco?

MENINO: (surpreso) Como é que você sabe?

MARIA: Acho que já sonhei com essa casa...

MENINO: Sonho? Meninas desmioladas e que não tem o que fazer é que adoram inventar essas bobagens...

MARIA: Não é verdade. Não sou desmiolada, e gosto muito dos meus sonhos.

MENINO: E você sabe quem mora lá?

MARIA: Não.

O menino vai contando e ficando irado, seu tom vai mudando.

MENINO: Apenas um casal, com um único filho, muito inteligente, brilhante, mas que vive praticamente aprisionado, porque os pais tem medo que ele se machuque, ou que seja raptado, ou que lhe façam algum mal, e por isso eles não deixam o pobre garoto fazer nada! Entendeu? De que adianta ter tanto dinheiro se ele não pode ser livre e fazer o que quiser?

MARIA: Você...conhece esse garoto?



## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun

A partir da obra de Hans Christian Andersen

MENINO: Não interessa. Só sei que ele é brilhante, e muito injustiçado. Tem um quarto cheio de brinquedos, mas já está farto desses brinquedos! E em breve ele vai queimar todos eles na lareira!

MARIA: Não faça isso!

MENINO: (se acalmando) Eu não vou fazer nada. Falei por falar.

MARIA: Você também tem tudo o que quer? Deve ter alguma coisa que você não tem...

MENINO: Eu? Queria ter uma espingarda de chumbo!

MARIA: Igual ao do soldadinho?

MENINO: Isso mesmo, até que você é bem esperta, para alguém tão...pobre.

MARIA: Eu não sou tão pobre assim...Um dia, as coisas vão mudar. Se ao menos eu conseguisse vender esses fósforos, eu ia ajudar o meu pai com as despesas e nós teríamos um natal de verdade, no ano que vem...

MENINO: No ano que vem? E esse ano?

MARIA: Esse ano nós vamos pular.

MENINO: Vocês não regulam muito bem....

MARIA: Você gostaria de comprar um fósforo, pra me ajudar?

MENINO: Eu até poderia, mas não vai dar. Meu cofre está cheio de moedas, mas para abrir o cofre, eu teria que quebrar o porquinho. Melhor não...Fica para uma outra vez...

MARIA: Mas eu precisava tanto vender...

MENINO: Problema seu, senhorita. E eu também não me interesso tanto assim por fósforos. Se ainda fosse um soldadinho de chumbo, eu compraria. Tenho um que não tem uma perna, e me estraga o batalhão. Em breve vou derretê-lo, vai virar chumbo outra vez.

MARIA: Não faça isso!

MENINO: Ninguém me diz o que fazer, esqueceu? Está esfriando, melhor eu entrar...

MARIA: Onde você vai?

MENINO: Você ainda não entendeu? Eu sou o herdeiro, aprisionado pelos pais. O dono dessa casa que estava nos seus sonhos. Melhor eu entrar, antes que sintam minha falta.

## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun  
A partir da obra de Hans Christian Andersen

MARIA: Tem certeza que você não quer comprar nenhum fósforo? Afinal, vocês têm tantas lareiras...

MENINO: Ora, já falamos sobre isso. Você ainda não entendeu que os ricos só ficam ricos porque não gastam dinheiro a toa?

Ela reage com tristeza, ele percebe, tem um breve momento de ternura.

MENINO: Não me leve a mal, eu até convidaria você para entrar, mas meus pais têm horror a estranhos... Eu já vou indo...Boas sorte, com os fósforos...

MARIA: Obrigada.

MENINO: Talvez seja melhor você vender outra coisa.

MARIA: Mas o que eu poderia vender?

MENINO: (já saindo) Os seus sonhos...

Ele sai.

### **Cena 9**

Maria fica só, acende o primeiro fósforo. Uma chama atravessa o palco.

MARIA: entra numa espécie de delírio. Apesar da luz intensa, ela pode ter sombras ao seu redor.

MARIA:  
Seria tão bom, ter pessoas queridas comigo de novo!  
Não preciso de muito...  
Amigos,  
Uma nova boneca,  
Um caderno com capa de couro,  
E lápis para desenhar.  
Um emprego para o meu pai  
Uma família grande, um irmão?!  
Um lindo casaco,  
Um passeio no lago  
Um pouco de sol,  
Muito sol!!!  
E muitos e muitos beijos da minha avó.  
Que eu nunca esqueci...

A luz vai diminuindo, ela pega outro fósforo, acende. A luz volta. O casal entra e se dirige a ela com muito carinho.

## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun  
A partir da obra de Hans Christian Andersen

MULHER: Querida? Onde você andava?

MARIDO: Ficamos muito preocupados....

MULHER: Você não devia ficar aqui fora com tanto frio...

A mulher a cobre com um chalé.

MARIDO: Venha conosco. Vamos jantar, temos uma ceia maravilhosa nos esperando.

MULHER: Você ainda não disse seu nome...

MARIA: (sussurra) MARIA:...meu nome é MARIA:  
Eles não escutam.

MULHER: Não importa. O que importa é que nós gostamos muito de você, não é querido?

A luz do fósforo acaba. O casal some. Um tempo. Maria sozinha, acende outro fósforo. A bailarina e o soldado entram em seguida.

BAILARINA: MARIA:? Onde foi que você se meteu? Está quase na hora...

MARIA: (voz fraca) Na hora de que?

A bailarina cantarola a marcha nupcial.

BAILARINA: Nós vamos...

SOLDADO: Casar!

MARIA: (surpresa, feliz) Eu não disse que ele estava apaixonado por você?

SOLDADO: (feliz) Ela me ama, mesmo sem uma perna, e isso é incrível!! E você...

BAILARINA: Você vai ser a madrinha do nosso casamento!

SOLDADO: Vamos, MARIA:, os convidados nos esperam.

MARIA: Mas eu não tenho roupa...

BAILARINA: Maria não seja boba. Você é linda, mesmo com esses trapinhos.

A luz se apaga. Maria mais fraca, treme de frio, mesmo coberta com o xale. A vizinha entra.

## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun  
A partir da obra de Hans Christian Andersen

VIZINHA: Menina, o que faz aqui fora? Você vai congelar aqui fora! É melhor voltar para casa.

MARIA: Eu não quero voltar, eu quero poder escolher.

VIZINHA: Escolher o que?

MARIA: Os fósforos. Ainda me resta um...

VIZINHA: Eu não vou mais perder meu tempo.(saindo) depois não diga que não avisei...

### **Cena 10**

O escritor recebe uma carta, está com ela nas mãos curioso. Abre e começa a ler, e em seguida é a voz de Maria.

MARIA: Caro senhor, sei que sua tarefa é muito difícil, por isso, decidi ajudar. Em primeiro lugar, não se preocupe comigo. Mesmo que digam que está muito frio e bla bla bla...sei muito bem o que estou fazendo. Estou fazendo a melhor escolha possível, a que vai me deixar mais feliz... Não se preocupe, eu já sei como terminar....

Maria entra e acende o último fósforo. Por alguns segundos, a luz “aquece” o palco. Maria tira o casaco, não sente mais frio. Ela caminha tranquila até que encontra a avó, e a surpreende.

MARIA: Promete, que nunca vai me deixar...?

AVÓ: (Abraçando-a) Como você cresceu...minha menina...Tem fome?

MARIA: Muita!

AVÓ: Crianças, sempre com fome, e crescem todos os dias...Vamos Maria...Temos muito o que fazer...

Elas vão caminhando para fora do palco, enquanto o escritor escreve e narra as últimas palavras do conto.

ESCRITOR: (escrevendo)) E quando raiou a manhã, muito fria, encontraram ali no cantinho, a menina com as faces coradas e um sorriso a brincar-lhe nos lábios. Estava gelada. Morrera de frio na última noite do ano. A aurora do ano novo brilhava sobre ela, que jazia, ainda com os fósforos nas mãos. Ninguém sabia, nem poderia adivinhar, as maravilhas que só ela viu...

No canto do palco, apenas o xale da menina e a caixa de fósforo com uma luz delicada, até apagar.

**FIM**



## A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Texto de Denise Crispun

A partir da obra de Hans Christian Andersen

### Obs.

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor ou da entidade detentora de seus direitos autorais.

Contato CBTIJ: [cbtij@cbtij.org.br](mailto:cbtij@cbtij.org.br)

Contato Autora: [denisecrispun@gmail.com](mailto:denisecrispun@gmail.com)

### Pós escritum da autora...

O homem perguntou ao Aborígene, que vivia isolado numa tribo, e levava a vida como há milhares de anos atrás...

Porque você pinta desse jeito?

E o Aborígene então respondeu: eu não pinto, é só a minha mão que ajuda, quem pinta é o espírito.

Quando me dou conta do que fiz e que Andersen fez antes de mim, com tanta maestria, concordo em gênero e grau com o aborígene:

Não fui eu, foram os espíritos...